

O atraso produziu o fatalismo cínico

ELIO GASPARI

Quando se torna decadente, o pensamento atrasado adquire um toque de fatalismo cínico.

Quem teve a felicidade de ver o engenheiro René Bonnetti e sua sogra defendendo o regime de escravidão em que mantinham a cidadã Hilda Rosa dos Santos em sua casa, nos Estados Unidos, talvez se lembre de algumas coisas que disseram:

A sogra, Maria de Lourdes Vicente de Azevedo:

"Nós nunca mandamos o dinheiro porque ela nunca pediu. Se ela não queria, para que eu iria enviar? (...) Ela é uma preta coitada."

Ele:
"Esse sistema de justiça está todo errado. Ele se baseia nas palavras de uma débil mental. Isso é uma injustiça."

Grças ao magnífico sistema legal americano, o doutor Bonnetti está em cana e vão aqui os votos que dela não seja retirado nos próximos 20 anos (a pena máxima a que está sujeito).

Quem teve a infelicidade de acompanhar o debate aberto pela proposta apresentada ao PFL para que se estabeleça, no piso, um salário-mínimo de US\$ 100 (R\$ 177, ontem), ouviu o seguinte:

Do líder do PMDB na Câmara, deputado Geddel Vieira Lima (BA): "Marola por marola, vou ver quem faz a maior. Se é para fazer marola, vou lançar a proposta do mínimo de 300 dólares." Do senador Teotônio Vilela Filho, presidente do PSDB: "Gostaria que o salário-mínimo fosse de dez mil dólares, mas é preciso trabalhar com a realidade."

De Ciro Gomes, candidato a presidente da República: "Não deveria-

mos fazer esse tipo de farsa numa área que representa um dos maiores constrangimentos da população brasileira. O PFL deve estar tendo informação privilegiada. Isto é, sabem que o Governo deverá deixar o mínimo em R\$ 150 a R\$ 160 e lançam o valor de aproximadamente R\$ 180 só para mostrar que são melhores que os cruéis tucanos." Fernando Henrique Cardoso, candidato a ex-presidente da República: "Está é querendo tirar a bandeira do PT."

Diferentes na origem e na retórica, as quatro declarações têm dois pontos em comum. Tomam o assunto em tom de brincadeira, ou de farsa, e não acrescentam um átomo de inteligência ao debate. B.O. de brancos coitados. Bom para otário.

O que está em questão é algo mais sério que os piadinhas de Brasília: os trabalhadores e aposentados que vivem com um salário-mínimo podem ganhar R\$ 177 por mês?

Não se está falando em usar um salário de R\$ 177 como base de cálculo dos servidores e aposentados que recebem mais que isso. Fala-se apenas em pagar esse dinheiro a quem ganha apenas R\$ 136. Eles sabem disso.

Sabem mais, que o aumento do salário-mínimo é o mais eficiente e imediato redutor das diferenças sociais brasileiras. A correlação entre o efeito medicinal do salário-mínimo e a desigualdade social já foi corretamente estudada pelos professores Edward Amadeo e Marcelo Nery. Ambos trabalham para o Governo. FFH sabe que boa parte da multiplicação dos frangos, seu grande milagre do início do Plano Real, deveu-se ao generoso aumento do salário-mínimo que o acompanhou.

Todos quatro sabem tudo isso, assim como o engenheiro Bonnetti e sua sogra sabiam que fraudar declarações para a obtenção de visto e receber trabalho sem remunerá-lo são

crimes na sociedade americana.

Ora com gracinhas, ora com argumentos absurdos, todos se tomarão o risco de ofender a inteligência alheia. Sob a jurisdição das leis americanas, Bonnetti acabou em cana. (E novamente deseja-se que por lá fique por 20 anos.)

É triste ver FFH dizendo que tudo não passa de uma jogadinha. Em fevereiro de 1995 ele dizia o seguinte:

"É preciso criar condições para cumprir o que já era desejo do presidente Itamar Franco: alcançar logo um patamar equivalente a cem dólares para o salário-mínimo."

Seu governo não conseguiu criar essas condições. Nove for cinco anos de ruína social, resta saber quais são os seus argumentos contra um salário-mínimo equivalente a US\$ 100 para quem ganha apenas isso.

Dirá um sábio da eikeponômika que só os néscios relacionam o salário-mínimo em reais com a moeda americana. Ser? Ouçam:

"Pegue uma série histórica, em vez de falar, pegue uma série histórica. Quando é que o salário-mínimo se manteve, realmente como ele é hoje, de US\$ 85. Hoje, R\$ 70 correspondem a US\$ 85 estáveis, que vêm aumentando... E o real com relação ao dólar só subindo."

Quem disse isso não foi um bobo qualquer. Foi FFH, em 1995. Quando a relação cambial lhe convinha, usou-a sem constrangimento. Agora, que o constrange, não lhe convém.

A linha do cinismo fatalista do deputado Geddel Vieira Lima e do senador Vilela não é original. Ela foi enunciada em janeiro de 1998 pelo professor Pedro Malan. Vale ouvi-lo:

"Eu adoraria, gostaria muito que o salário-mínimo no Brasil pudesse ser não 200, mas 500, 600, 700, 800 reais, mas essas coisas não são atos de

vontade. É preciso ter um mínimo de 'realismo.'"

Então o nome da brincadeira é realismo-miserê. Na mesma ocasião, na qualidade de oráculo da nova ciência do real, Malan ensinava: "Nós achamos que 1998 será o sexto ano consecutivo de crescimento do PIB da economia brasileira, a uma taxa que será um pouco menor do que aquela que nós estávamos contemplantando antes da eclosão da crise asiática. (...) De modo que nós vamos virar 98 para 99 com uma economia já retomando a sua fase de expansão. O ano como um todo será um ano de crescimento."

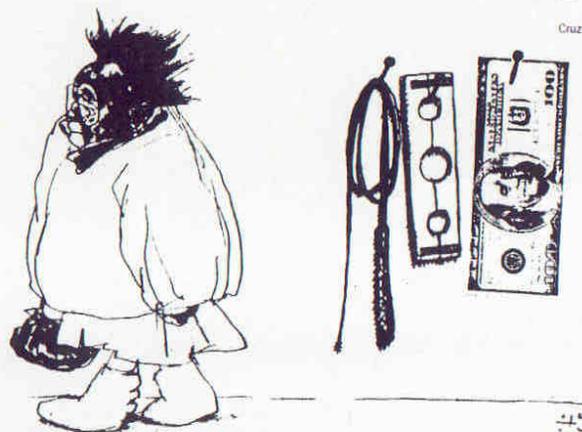
Tudo empulhação. O ano de 1998 foi um ano de contração do PIB e o biênio 98-99 correspondeu a uma queda da renda *per capita* dos nativos.

Malan não é tolo. Pelo contrário. Ele, Geddel e Teotônio Vilela brincam com o salário-mínimo porque na hora de culdar da bolsa da patuléia são realistas.

Quando chega a hora de inventar cenários para enganá-la (sobretudo num ano eleitoral, como 1998), são mestres da ficção. São realistas com o dinheiro dos miseráveis e ficcionistas na preservação do pedacinho de poder que agarraram.

Não se pode pedir ao Governo que seja sério, mas pelo menos se pode implorar que deixe de brincadeiras.

• Erro: estava errada a informação aqui publicada segundo a qual integrantes da escuderia Le Cocq foram defendidos pelo escritório dos advogados Elcio Álvares e Solange Antunes Resende. Essa acusação, feita pelo delegado Francisco Badenes, não tem comprovação factual.



Cruz

44